LA INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

Rafael Sebastiá Alcaraz
Emilia María Tonda Monllor
(Coordinadores)

LA INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

Rafael Sebastiá Alcaraz

Emilia María Tonda Monllor (Eds.)

Publicaciones de la Universidad de Alicante
03690 San Vicente del Raspeig
publicaciones@ua.es
<http://publicaciones.ua.es>
Teléfono: 965 903 480

© los autores, 2016
© de la presente edición: Universidad de Alicante

ISBN: 978-84-16724-07-9

Diseño de cubiertas: CEE Limencop S.L.
Maquetación: CEE Limencop S.L.

Esta editorial es miembro de la UNE, lo que garantiza la difusión y comercialización nacional y internacional de sus publicaciones.

Reservados todos los derechos. Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.

A GINCANA E O ENSINO DA GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

Alana Rigo Deon,

Cláudia Eliane Ilgenfritz Toso

Unijui,

alanardeon@gmail.com

claudia.ilgenfritz@hotmail.com

Resumo

Diante dos desafios de ensinar Geografia na atualidade e os paradoxos subjacentes a esse processo, este trabalho apresenta uma metodologia de ensino que pode ser desenvolvida com alunos do Ensino Médio. Para isso, utilizamos como procedimentos teóricos metodológicos: planejamento, desenvolvimento teórico prático do conteúdo em sala de aula, realização da gincana e avaliação da atividade. Ao final, constatamos que o ensino de Geografia, para além das atividades propostas dentro do contexto da sala de aula, contribuem para que o aluno se sinta sujeito do processo de ensinar e aprender.

Palavras-chave

Ensino de Geografia. Gincana Geográfica. Construção de Conhecimentos.

1. INTRODUÇÃO

Dentre tantas áreas do conhecimento, a Geografia é uma das que compõem o currículo escolar. E, precisa fornecer ferramentas para que o aluno consiga para além de se orientar e localizar, compreender a multidimensionalidade do mundo e suas relações, problematizar essa realidade e a forma como ela se apresenta, formular proposições de mudanças, diferenciar as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente no contexto em que vive tendo em vista a possibilidade de participar de situações que possam vir a alterá-lo, se crer necessário.

As Orientações Curriculares para Ensino Médio (2006), ilustram que para o aprimoramento dos conceitos da ciência geográfica é preciso orientar a formação do sujeito no sentido de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, reconhecendo as contradições e os conflitos existentes no mundo. O objetivo da geografia é a organização de conteúdos que permitam o aluno construir aprendizagens que se tornem significativas. Assim um dos grandes desafios do trabalho do professor é selecionar conteúdos e criar estratégias metodológicas de como proceder na escolha dos temas a serem abordados em sala de aula, ou seja, articular teoria com a prática, possibilitando condições para que o aluno consiga ter uma leitura da realidade sobre o viés geográfico.

Assim o Ensino Médio se caracteriza como uma etapa final da educação básica onde dúvidas e inquietudes precisam ser instigadas, para que sirvam de provocações na construção de conhecimentos. E é nesse sentido, que as práticas teórico metodológicas são importantes instrumentos para o professor de Geografia na construção e dinamização de suas aulas. Pois o ensino centrado somente nos conteúdos, ou na lógica da transmissão e memorização não satisfaz mais a inquietação dos estudantes. Buscar outras ferramentas e pensar de forma intencional as questões teórico-metodológicas

auxiliam no rompimento dessas concepções tão presentes ainda nas escolas.

Consideramos importante refletir sobre o ensino de Geografia e os desafios enfrentados pelos sujeitos que participam do processo educativo. Buscando entender mais essa questão sobre o ensino de Geografia na escola, compartilhamos das ideias (Castrogiovani: 2000) e (Callai: 1999), quando abordam que um dos fatores que contribuem para que a Geografia não se torne interessante no ensino médio, advém das séries iniciais, na qual muitas vezes os professores que trabalham com a disciplina não são formados em Geografia, não possibilitando ao aluno as noções e elaborações conceituais, compreendidas como “alfabetização geográfica”. Isso faz com que os alunos cheguem as séries posteriores com dificuldades, pois não conseguem se perceber como produtores do espaço geográfico.

A partir dessas premissas entendemos que o professor precisa planejar de forma intencional práticas que possam contribuir para que o aluno compreenda a realidade. E por isso apresentaremos neste artigo além de reflexões acerca de questões teórico-metodológicas, uma metodologia de ensino de Geografia que pode ser realizada com alunos do Ensino Médio, a partir de conhecimentos construídos em sala de aula. Esse processo é importante, pois nos oferece subsídios para ampliar o conhecimento dos alunos e também tornar as aulas mais dinâmicas, instigantes, participativas e com sentido para os estudantes.

2. REFLEXÕES TEÓRICAS METODOLÓGICAS

A multidimensionalidade das relações mundiais coloca cada vez mais desafios para a escola e também para o ensino, que deve considerar a necessidade de contribuir como o processo de análise crítica da realidade global e consequentemente local. Dessa forma, é importante fazer referência a este contexto de Globalização, no qual o ensino de Geografia pode aparecer cada vez mais para ajudar a explicar os problemas do mundo (Straforini: 2004). Por isso, a disciplina de Geografia precisa se fundar em referenciais teóricos claros, que atribuam bases para que os alunos consigam construir conhecimentos com criticidade e reflexividade, buscando desenvolver sua autonomia.

Neste contexto ressaltamos que os problemas do mundo globalizado são cada vez mais complexos, e o ensino segue a lógica de compartimentação e descontextualização e fragmentação, heranças essas da racionalidade técnica que permanece na escola e na educação brasileiras. Dessa forma é preciso que os conhecimentos mediados nas escolas sejam situados em uma inter-relação do contexto com o global.

Caracterizando isso (Lucci et al: 2010) afirma que o mundo de hoje nos surpreende com as mais diversas formas de organização e produção do espaço. Cada dia novas tecnologias, novos conflitos se tornam ativos e mais potentes, as relações de supremacia entre os países aumenta, lançando inúmeros desafios a humanidade. Neste sentido, a Geografia tem muito a contribuir para a compressão e o entendimento desse mundo veloz e complexo.

Buscando entender mais sobre a complexidade das relações do mundo atual através da questão das escalas do contexto e do global, trazemos uma interlocução com (Morin: 2011) onde para ele o conhecimento de informações ou dados isolados é insuficiente, por isso, é preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. O global é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo recorrente e organizacional.

O contexto (local) e o global (totalidade) são conceitos chaves no ensino de Geografia, pois é nessa inter-relação escalar que podemos entender as multidimensionalidades das relações e movimentos existentes na produção e organização do espaço. O global nos permite entender as múltiplas relações, e, o contexto como essas relações se dão nas especificidades dos locais, sendo que uma gera outra e ambas são geradas a partir de processos relacionais. Dessa forma, para (Buitoni: 2010, 30):

trabalhar com uma dimensão escalar torna-se uma exigência, capaz de superar a interpretação localista e fechada que impede o encontro de explicações para o que vai acontecendo. E a escala social de análise precisa estar clara e referenciar todo e qualquer estudo, pois além do global/mundial e do local, temos também níveis intermediários que são o regional e o nacional. E o universal está presente em todos esses recortes, que são espaciais, mas também políticos, administrativos, culturais e sociais. Cada lugar está inserido numa rede que comporta essa escala de análise e, por isso,

a articulação dos fatos, fenômenos e forças reais e/ou virtuais tem de ser reconhecida e considerada em seu contexto.

É nesse contexto de movimentos que (Callai: 2014) nos auxilia a pensar com relação ao ensino da Geografia. Nesse sentido, para a autora, é importante pensar no lugar (contexto), como algo que tenha a ver com a vida do sujeito. Compartilhamos da concepção de (Callai Zarth: 1988, 11), de que lugar “é uma escala de análise que permite que tenhamos próximos de nós todos aqueles elementos que expressam as condições sociais, econômicas, políticas de nosso mundo”. Dessa forma, uma das possibilidades de entender o mundo em que vivemos é preciso considerar a escala de análise geográfica que nos permite estabelecer a relação entre o global e o local. Assim, é a partir do conceito de lugar, que poderemos aprofundar a noção sobre o conceito de espaço geográfico (global), de substancial conotação para o ensino de Geografia.

Para além dessas questões consideramos pertinente trazemos à tona a questão de como os conteúdos são apresentados nas escolas. Percebemos que muitas vezes, não há uma interlocução de saberes do cotidiano dos alunos com os conteúdos trabalhados nas escolas, o que os tornam fragmentados, isolados, e muitas vezes sem sentido. Levando a incompreensão do todo e das partes existentes nas mais diversas relações do espaço geográfico, unidimensionalizando o conhecimento.

No ensino de geografia, o contexto não se torna diferente, essa ciência que desde os seus primórdios se apresenta como uma “ciência do complexus”, perde seu caráter de multidimensionalidade, devido a forma como seus conteúdos são trabalhados nos cotidianos das escolas. Muitas vezes não há conversação entre o que se ensina na escola e o que se vivencia fora dela.

Com relação a essa situação (Callai: 2013, 94), aponta que:

refletir sobre a escola, o ensino e conteúdo curricular escolar reporta a reconhecer que a configuração do mundo atual na sociedade da informação apresenta novas formas de compreender os tempos e os espaços sob a globalização e requer portanto, novas formas de considerar o ensino de Geografia. Novas territorialidades emergem diante da complexidade em que se apresenta o mundo, e a Geografia se constitui numa ferramenta intelectual para entender esse mundo. Para oportunizar que as pessoas

compreendam a espacialidade em que vivem, pela educação geográfica busca-se construir uma forma geográfica de pensar, que seja mais ampla, mais complexa, e que contribua para a formação dos sujeitos, para que estes realizem aprendizagens significativas e para que a geografia seja mais do que a mera ilustração.

Somos remetidos a pensarmos sobre a complexidade de ensinar Geografia nos dias atuais, onde o problema universal de grande parte dos sujeitos além do acesso às informações sobre o mundo é a possibilidade de articulá-las, organizá-las, concebendo-as no contexto e no global (Morin: 2011, 33). Nesse sentido, cabe ao professor em sua mediação buscar pela religação dos conhecimentos e informações para que elas façam sentido ao aprendizado do aluno, mostrando para ele, as influências das relações do mundo sobre seu cotidiano e a preponderância do seu cotidiano no mundo.

Inserem-se nesta discussão os pressupostos de (Marques: 2000), que escreve sobre a escola como lugar social das aprendizagens intencionadas e sistemáticas. Para ele as aprendizagens precisam se estruturar nas vivências cotidianas dos específicos e em diversificados lugares e tempos sociais.

Na sociedade contemporânea plural e diferenciada, as aprendizagens exigidas pela concidadania responsável assumem na escola forma explícita, proposital e sistemática, institucionalizada pela esfera política em que se articulam, mediadas pelo Estado, a família e a sociedade civil, e determinada, em seus aspectos criadores próprios, pela compreensão e atuação combinadas de seus instituintes internos, sujeitos coletivos organizados: os educadores e os educandos juntamente com a comunidade específica nela interessada (Marques: 2000, 87).

Assim é importante destacarmos que a escola é uma instituição social, específica cujo principal objetivo é promover a apropriação de conhecimentos por parte dos alunos. A escola, bem como, os professores e estudantes são todos agentes do processo de construção de conhecimentos. Assim, o que distingue a escola das outras instituições é a sua capacidade de ajudar o sujeito a adquirir conhecimentos que não podem ser adquiridos em casa, na sua comunidade ou trabalho (Young: 2007).

Para (Marques: 2000) também enfoca o compromisso das escolas com a questão das aprendizagens dos sujeitos. Assim os conteúdos que resultam em aprendizagens são discursos que recortam os objetos do saber e do fazer. É na dinâmica curricular e no fazer pedagógico do professor que as diversas áreas do saber ganham formas, que podem resultar tanto na ligação como no isolamento entre as disciplinas e conteúdos. A escola tem como principal função a transmissão dos conhecimentos produzidos pela humanidade.

Indo além, (Marques: 2000) salienta que os conteúdos específicos trabalhados nas diferentes áreas do conhecimento só adquirem sentido ao serem inseridos no amplo universo do que se ensina e se aprende, a partir do mundo da vida em seus processos de aprendizagens sociais ancoradas nas condições culturais e nos projetos de futuro.

Dessa forma, atividades que aliem teoria e prática podem ser muito significativas ao ensino de Geografia, no sentido em que são “alternativas para mobilizar o intelecto do aluno” (Callai: 2013, 110) podendo ir para além do simples ensinar geografia. Assim, os sujeitos passam a perceber e analisar os fenômenos propostos teoricamente, se sentindo integrantes do processo de ensinar e aprender e contribuindo para a sua reflexividade.

Proporcionar ao aluno a reflexão é uma ação didática muito importante para o seu desenvolvimento intelectual, particularmente para o processo de construção de conceitos, na medida em que pode interferir eficazmente na formação de uma consciência reflexiva (Cavalcanti: 2010, 162). Ainda segundo a autora (2014) é de grande importância na formação escolar proporcionar situações que possam ajudar ao aluno tornar-se sujeito do processo de aprendizagem.

É neste sentido, que a prática vem como ferramenta de apoio à teoria, de articulação. No entanto, muitas vezes a relação teoria e prática chega a constituir um dilema, ficando a prática e a teoria colocadas como se fossem polos que se excluem. No entanto, são indissociáveis em uma aprendizagem e numa trajetória necessária de ser percorrida para a apropriação do conhecimento (Kimura: 2010, 82).

Convergindo com isso, (Pimenta: 2004, 43) escreve que “[...] o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade”.

Quando se aborda a questão da articulação entre teoria e prática, é importante que os docentes atentem a esta questão, como uma forma que permita tornar o ensino de Geografia mais significativo e mais próximo da realidade do aluno (Callai: 2013). A autora acrescenta ainda, alguns elementos que podem ajudar o professor a procurar alternativas para melhorar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos: para quem, para quê, como, o quê? Essas chaves podem ser aplicadas como parte fundamental no planejamento e desenvolvidas nas práticas de sala de aula.

Para quem, refere-se a quem se destina a entender, quem são os estudantes aos quais será ensinada a disciplina, e quais são as suas realidades, a dimensão cultural na qual estão inseridas, essas são características importantes na estruturação do ensino para que ocorra a aprendizagem. Para quê, são os objetivos dessa disciplina no contexto desses alunos no sentido de contribuir para o aluno se reconhecer como sujeito integrante do mundo. É importante levar sempre em consideração o conhecimento dos alunos e a partir disso buscar a construção dos conceitos científicos, dessa forma o ensino de Geografia pode servir para situar os alunos nesse mundo, de forma com que eles compreendam que o espaço é construído a partir de relações sociais, econômicas, políticas e que essas relações devem ser entendidas em sua totalidade e que na relação das partes, interfere na sua vida cotidiana. Como, são as estratégias utilizadas para o ensino de Geografia, utilizando as proposições do como fazer o ensino para que se efetive a aprendizagem. O professor traça um objetivo e utiliza estratégias de como alcança-los. O quê emerge a questão: Qual é o conhecimento Geográfico que deve ser trabalhado na escola e que o jovem precisa aprender? Trabalhar com os conteúdos em Geografia é um desafio para as escolas, pois são temas do mundo que estamos vivendo, e as escolas dificilmente conseguem trabalhá-los de forma articulada, não fragmentada (Callai: 2013).

Assim entendemos que esses elementos são chaves de análises que devem ser levados em consideração na prática cotidiana em sala de aula, visando uma aprendizagem contextualizada com os elementos do espaço geográfico. Assim, devemos ter clareza que a Geografia possui algumas dimensões, dentre elas a pedagógica, relacionada aos conteúdos e a didática, levando em consideração a forma de trabalhar esses conteúdos, sendo assim uma não sobrepõem a outra elas apenas se complementam.

Reiterando essas afirmativas, (Paim: 2005, 125) argumenta que:

O ensino é mais uma atividade prática do que uma atividade técnica, já que implica situações complexas e problemáticas, frente às quais o professor deve elaborar critérios racionais de compreensão, bem como propostas argumentadas para definir seus fins gerais, em projetos concretos de intervenção em cada situação específica.

Neste sentido, a pesquisa de diferentes metodologias nas aulas de Geografia são elementos de fundamental importância na ação docente visto que, permite articular o saber da teoria com a prática, propiciando aos professores e futuros professores o conhecimento sistematizado do ambiente escolar, das práticas pedagógicas e da importância do planejamento das ações educativas. Entendemos o ato de planejar como um passo importante para realização de qualquer tarefa e faz parte de nossa vida cotidiana como docentes. No ensino, deve antever as ações, especificando objetivos que vão orientar o professor no processo de ensino, também permite realizar análises e reflexões sobre sua própria prática educativa com a finalidade de atuar na construção do conhecimento dos estudantes.

O planejamento no ensino deve atender aos sujeitos aprendentes, e possui características que lhe são intrínsecas. (Leal: 2005, 2) discorre:

o professor realiza passos que se complementam e se interpenetram na ação didático pedagógica. Decidir, prever, selecionar, escolher, organizar, refazer, redimensionar, refletir sobre o processo antes, durante e depois da ação concluída. O pensar, a longo prazo, está presente na ação do professor reflexivo. Planejar, então, é a previsão sobre o que irá acontecer, é um processo de reflexão sobre a prática docente, sobre seus objetivos, sobre o que está acontecendo, sobre o que aconteceu. Por fim, planejar requer uma atitude científica do fazer didático-pedagógico.

A Geografia nos possibilita fazer a leitura do mundo, e o papel do professor nesse processo é mediar a aprendizagem a partir dos saberes geográficos que o aluno possui. Os fundamentos teórico-metodológicos da Geografia baseiam-se nos conceitos de espaço, lugar, paisagem, região, território e sociedade e são próprios da linguagem geográfica. É importante destacarmos o papel do conceito de espaço como objeto de estudo da Geografia. Para (Callai: 2008, 34), “o espaço é o palco onde ocorrem os fatos, mas é também ao mesmo tempo resultado da vida dos homens, das lutas sociais, dos interesses econômicos e políticos [...] ele se torna um dado a mais na definição de como as coisas podem se dar, interferindo nas dinâmicas sociais, colocando limites ou favorecendo situações”.

Percebemos que o espaço influencia e é influenciado pelo sujeito, nas relações em que se estabelecem na sociedade. Assim esse conceito faz parte do cotidiano dos alunos e nos permite trabalhar a relação entre o contexto e o global. Neste sentido, para que o aluno se sinta sujeito do processo de ensinar e aprender, é preciso a organização dos professores no contexto escolar em que atuam – dentre outras questões; para a construção de conceitos juntamente com os alunos, para isso esse processo precisa levar em consideração o seu conhecimento prévio.

No entanto, estes mesmos conceitos são trazidos pelos alunos da vivência cotidiana, do senso comum, por isso, a dificuldade e o desafio do professor de Geografia é estabelecer um diálogo com os conhecimentos trazidos pelos estudantes, no sentido de ajudá-los na construção do conhecimento articulando escalas. Dessa forma, é

necessário que o professor pense e planeje para quem, para quê, como e o quê ensinar, na perspectiva de levar o estudante a compreender que as modificações e interações do mundo globalizado ocorrem em várias escalas que podem ser mundiais até a escala local que se materializam nos espaços cotidianamente vividos.

O ensino baseado na mera transmissão de conteúdo, dificulta ao estudante compreender as complexas interações e mudanças políticas econômicas e sociais que ocorrem no mundo. A descrição, memorização não correspondem mais as necessidades do ensino. É neste contexto que Paulo Freire propõem superar um ensino baseado na educação bancária, na qual a mera transmissão de conhecimentos seja sobreposta por processos que visem a construção, contextualização e interação do conhecimento. É fundamental que o aluno seja um agente no processo de construção e apropriação do conhecimento.

Por isso, propomos ir além da geografia tradicional que trabalha com a dicotomia teoria/prática, sujeito/objeto, todo/parte, que não concebe o mundo de forma múltipla, complexa, contraditória e em movimento. É nesse contexto que propomos pensar em questões de ordem teórico-metodológicas, considerando os sujeitos envolvidos no processo educativo, os conhecimentos e os sentidos que podem ser construídos. Buscamos uma articulação entre o mundo da ciência e o mundo da vida.

3. GINCANA GEOGRÁFICA COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA

Devido às rápidas transformações que ocorrem no mundo atual é que buscamos selecionar conteúdos e criar ferramentas de ensino que articulem conhecimentos de ordem teórica e prática. Assim desenvolvemos uma Gincana Geográfica como estratégia metodológica para o ensino de Geografia. A atividade teve como base o trabalho com o conteúdo “Industrialização no Brasil”. O seu objetivo é trabalhar com conteúdos da Geografia de forma inter-relacionada, analisando a aprendizagem dos alunos e complexificando os conhecimentos construídos por eles. Para isso, é importante que o conteúdo de coordenadas geográficas seja retomado para auxiliar na questão da orientação.

Com o propósito de alcançarmos o objetivo proposto, nos valem de alguns procedimentos metodológicos que nos ajudaram a desenvolver as práticas de ensino de Geografia no contexto do Ensino Médio: elaboração de planejamento, desenvolvimento teórico do conteúdo em sala de aula, escolha da metodologia que melhor se adaptasse ao conteúdo com o objetivo de desenvolver a reflexividade e a criticidade nos alunos e avaliação da atividade, com as arguições tanto dos professores, quanto dos alunos.

Para a realização de trabalhos fora do contexto da sala de aula, é importante que a coordenação da escola seja avisada com antecedência para reserva dos espaços a serem utilizados. Na elaboração do planejamento é preciso contar com outros professores, principalmente das áreas afins, para as questões tanto de ordem organizacional como para a definição de questões bem pontuais da atividade: definição da atividade, passo a passo e instruções do jogo, conforme descritas na tabela abaixo.

Definições	Passo a Passo	Instruções jogo
<p>Tema: Industrialização no Brasil</p> <p>Objetivos: Despertar no aluno um maior domínio sobre o conteúdo industrialização do Brasil. Estimular o raciocínio rápido para responder as indagações. Abordar o conteúdo coordenadas geográficas para ajudar os alunos na questão de orientação e localização</p> <p>Número de turmas: 2ºA e 2ºB</p> <p>Número de participantes: (15) + (18) = 33</p> <p>Número de Grupos: 4</p> <p>Tempo para a realização da atividade: 1 hora</p> <p>Número total de</p>	<p>O professor elaborará previamente um mapa da escola, para melhor distribuição das coordenadas e também uma planilha de pontuação.</p> <p>A turma deverá ser dividida em equipes, conforme o número de alunos e turmas. Cada equipe deverá ser diferenciada por uma cor.</p> <p>Haverá uma banca principal, onde os professores deverão sortear as primeiras coordenadas (Norte, Sul, Leste, Oeste), que levarão até a primeira pergunta, a partir da contagem dos passos. Neste momento os professores entregarão uma bússola para cada equipe.</p> <p>Após cada equipe chegar a primeira tarefa, seguindo as coordenadas, encontrarão uma pergunta. Se a equipe souber responder (no verso estará as coordenadas para a próxima pergunta) e assim até completarem todas as coordenadas.</p> <p>Deverá ter um professor acompanhando cada equipe.</p> <p>As equipes terão 3 chances para responder cada questão. Ex: Não acertou a questão perde 1 ponto. Cada equipe tem a chance ao professor ou consultar o material, mas cada chance desperdiçada perde 1 ponto. Se dentro das 3 chances as equipes não acertarem a questão, o grupo avança para a próxima coordenada, mas não pontua.</p> <p>A última coordenada levará as equipes até a banca principal.</p> <p>Em caso de empate de pontos,</p>	<p>Cada equipe ganhará uma coordenada diferente;</p> <p>Cada equipe responderá questões diferentes;</p> <p>Serão no máximo 10 questões;</p> <p>Cada questão valerá 3 pontos no total (A soma total fechará em 30 pontos);</p> <p>Para cada questão as equipes terão seis minutos no total para a sua resposta e três chances de resposta: (1 Ajuda dos Professores ; 2 Consulta ao Material. A cada ajuda a equipe perderá 1 ponto);</p> <p>Se a equipe não acertar a questão dentro das 3 chances, eles avançam na gincana, mas não ganham pontuação;</p> <p>A equipe que terminar primeiro a prova terá um bônus de pontos extra.</p> <p>Ao final a equipe que tiver mais pontos vence a gincana;</p> <p>Se ao final ocorrer empate haverá uma pergunta final: A equipe que responder primeiro, ganha a gincana. (Cara ou coroa / para decidir quem responde primeiro).</p>

perguntas: 10	haverá uma pergunta final (Sem chances de consulta).	
Tempo de resposta por pergunta: 6 min		

Tabela 1: Descrição da Gincana Geográfica

Para realização das tarefas, os professores responsáveis pela organização da Gincana elaboram as orientações. Estas deverão ser diferentes para cada equipe (conforme exemplo descrito na tabela 2). As orientações precisam ser testadas previamente e escondidas nos espaços da escola.

1º Orientação: Posicionamento Oeste	Siga 17 passos oeste – Pare – Siga 22 passos Sul – Pare – Siga 12 passos Oeste – Pare – 2 passos Sul: Procurar a pergunta.
2º Orientação: Posicionamento Oeste	16 passos Oeste – Pare – 6 passos Norte: Procurar a pergunta.
3º Orientação: Posicionamento Norte	12 passos Norte – Pare - 29 passos Oeste – Pare – 15 passos Norte – Pare – 2 passos Oeste: Procurar a pergunta.
4º Orientação: Posicionamento Norte	27 passos Norte – Pare 7 passos Oeste – Pare - 15 passos Norte – Pare - 19 passos Oeste: Procurar a pergunta.
5º Orientação: Posicionamento Norte	11 passos Norte – Pare – 50 passos Leste: Procurar a pergunta.
6º Orientação: Posicionamento Sul	22 passos Sul – Pare – 21 passos Leste – Pare – 15 passos Sul – 47 passos Oeste: Procurar a pergunta.
7º Orientação: Posicionamento Sul	22 passos Sul – Pare – 50 passos Leste – Pare – 51 passos Norte: Procurar a pergunta.
8º Orientação: Posicionamento Norte	26 passos Norte – Pare – 9 passos Leste – Pare - 2 passos Sul: Procurar a pergunta.
9º Orientação: Posicionamento Sul	Siga 20 passos Sul – Pare – siga 35 passos Oeste: Procurar a pergunta.
10º Orientação: Posicionamento Sul	22 passos Sul, 13 passos Leste – Pare – 10 passos Norte – Pare – 3 passos Leste: Procurar a pergunta.

Tabela 2: Orientações e Posicionamentos.

Ao final da gincana, é importante fazer um diálogo com os alunos, com intuito de avaliar a atividade realizada. Esse retorno por parte dos alunos é importante, pois nos fará analisar até que ponto a atividade contribuiu para o desenvolvimento da sua aprendizagem, nosso principal objetivo. Além disso, é fundamental que o professor faça também uma autoavaliação, refletindo sobre as possíveis alterações ou ampliações que podem ser feitas numa outra atividade semelhante. Importante ainda, solicitar que outros professores que participaram de alguma forma, manifestem-se sobre o trabalho realizado, num processo de reflexão da ação docente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que atribuir sentido as aprendizagens em Geografia é um dos maiores desafios para os professores na educação básica. Para isso, utilizar o quadro-negro e giz pode ser uma boa maneira de ensinar, mas não a única, afinal, não é a ferramenta em si, que vai provocar no estudante a vontade de aprender, mas sim a forma que este instrumento é utilizado, pensado de forma intencional para o processo de ensino e aprendizagem.

As novas tecnologias da informação e comunicação podem auxiliar no ensino de Geografia (mapas, globos, maquetes, jornais, revistas, charges, músicas, filmes, gincanas, computadores, tablets, celulares) as possibilidades existem e precisam ser utilizadas como ferramentas direcionadas a um propósito: possibilitar que os alunos se apropriem do conhecimento e ao mesmo tempo fazer com que as aulas de Geografia tenham mais sentido para os estudantes e porque não, para os professores.

Neste sentido, ainda existem muitos desafios a serem vencidos pelos professores e pelas escolas, mas pensamos ser possível um novo olhar sobre as práticas educativas e sobre o papel do professor na sociedade e sua importância no ensino escolar na formação de cidadãos críticos, problematizadores e reflexivos. Acreditamos que com atividades dinâmicas, que busquem aliar a teoria com a prática, como a Gincana, permitem ao estudante participar do processo de ensino aprendizagem. E ao professor é possível refletir sobre as estratégias utilizadas em suas aulas e rever seu planejamento.

A Gincana é uma possibilidade de trabalhar a concentração e o raciocínio lógico dos estudantes ao responder as questões, além de criar situações em que precisam aprender a trabalhar em equipe. Dessa forma, o ensino de Geografia pode ter sentido tanto para quem aprende quanto para quem ensina. Esta atividade é uma das diversas metodologias de ensino, através da qual é possível perceber uma maior interação dos alunos com relação aos conteúdos trabalhados.

Neste sentido, o processo de avaliação da atividade de forma conjunta, tanto por parte dos professores como dos alunos envolvidos é visto enquanto uma forma prospectiva de análise, pois é a partir dela que conseguimos ter uma dimensão de qual foi a sua relevância no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, é importante salientar o quanto o professor precisa estar implicado no desenvolvimento dos processos de ensino, pois planejar situações desse tipo exigem muita dedicação, conhecimento e tempo.

Dessa forma, as chaves Para quem? Para que? Como? O que? são cruciais e devem ser consideradas ao realizar o planejamento das aulas e atividades. Não podemos nos esquecer de mencionar o quanto, como docentes, é imprescindível considerar as orientações didáticas ao realizar um planejamento, principalmente, quando diferentes espaços são utilizados e envolvemos diferentes sujeitos.

Ainda assim, esperamos que a metodologia de ensino proposta e as reflexões teórico-metodológicas apresentadas possam auxiliar outros professores em seus processos de análise e planejamento. Pensar cuidadosamente na articulação entre os conteúdos que devem ser ensinados na escola e o mundo da vida dos sujeitos nos parece fundamental. Também cremos que é importante que consideremos diferentes formas que podemos utilizar nas aulas com o objetivo de construir aprendizagens significativas nas aulas de Geografia. Cabe destacar que as práticas docentes somente têm sentido se existir construção e apropriação dos conhecimentos por parte dos alunos.

5. REFERÊNCIAS

- Buitoni, M. M. S. (Coord), 2010. *Geografia: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. (Coleção Explorando o Ensino; v. 22).
- Brasil, 2006. Orientações Curriculares para Ensino Médio. Ciências Humanas suas tecnologias, vol.3. Brasília. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em abril de 2015.
- Callai, H. C., 2014. “Estudo do Lugar e o livro didático no ensino e na aprendizagem da Geografia”. Caso, M. V. F.; Gurevich, R. *Didáctica de la geografía, prácticas escolares formación de profesores*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, pp. 61-73.
- Callai, H. C., 2013. *A formação do profissional da Geografia: O professor*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Callai, H. C.; Callai, J. L., 2008. *Localização e percepção espaço-temporal*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Callai, H. C.; Zarth, P. A., 1998. *O estudo do município e o ensino de história e geografia*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Castrogiovani, A. C. (et al), 2011. *Ensino de geografia: Caminhos e Encantos*. 2º ed. Porto Alegre: Edipucrs.
- Castrogiovani, A. C., 2000. (Org). *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação.
- Cavalcanti, L. S., 2014. “Formação Básica, jovens cidadãos e conteúdos escolares: que lugar tem a cultura dos alunos no ensino de Geografia”. Caso, M. V. F.; Gurevich, R. *Didáctica de la geografía: prácticas escolares formación de profesores*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, pp. 213- 228.
- Cavalcanti, L. S., 2010. *Geografia Escola e Construção de Conhecimentos*. Campinas/ São Paulo: Papirus. 16º ed.
- Kimura, S., 2010. *Geografia no Ensino Básico: Questões e Propostas*. São Paulo: Contexto.
- Leal, R. B., 2005. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. *Revista Ibero-Americana de Educação*, OEI, núm. 37/3.
- Lucci, E. Al., 2010. *Território e sociedade no mundo globalizado: Geografia: Ensino Médio*, vol. 3. 1º ed. São Paulo: Saraiva.

Marques, M. O., 2000. *A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência*. Ijuí: Editora Unijuí.

Morin, E., 2011. *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.

Moura, J. D. P. Alves, J., 2002. “Pressupostos Teóricos-Metodológicos sobre o ensino de Geografia para a prática educativa”. *Geografia*, núm. 2, vol 11.

Pimenta, S. G., 2004. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez.

Santos, M., 2006. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4º ed. São Paulo: Edusp.

Straforini, R., 2004. *Ensinar geografia: desafio da totalidade mundo nas séries iniciais*. São Paulo: Annablume.

Young, M., 2007. “Para que servem as escolas?”. *Educação e Sociedade*. Campinas. Núm.101, v 08, 1287-1302.